

## CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA INDEPENDÊNCIA À REPÚBLICA

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Apesar dos oitenta e tantos anos do desaparecimento de Euclides da Cunha, cujo destino foi tão perturbado pela fatalidade, cremos sempre oportuno revermos aspectos de sua vasta produção. Assim, embora modestamente, por não sermos especialista euclidiana, antes apenas uma estudiosa dele, é que analisamos neste trabalho um dos aspectos da obra de Euclides, desse Euclides que foi defensor dos humildes, desse Euclides humanista, desse Euclides arredo e silencioso, desse Euclides que apaixonadamente amou a República, embora cedo se desiludisse com os homens que a forjaram, desse Euclides de vida muito modesta, desse Euclides que não teve emprego seguro que afastasse de seu espírito os problemas de subsistência própria e da família, desse Euclides amigo do povo, desse Euclides que em São José do Rio Pardo fundou o partido socialista e redigiu-lhe um programa que ele mesmo palmilhou, desse grande Euclides que, como ele mesmo escreveu, e com muita propriedade, "o que apelidamos grande homem é sempre alguém que tem a ventura de transfigurar a fraqueza individual, compondo-a com as forças infinitas da humanidade".

Assim, de sua produção mais alentada - *Os Sertões, À Margem da História, Contrastes e Confrontos e Peru versus Bolívia* - deter-nos-emos apenas em *À Margem da História* ou, melhor dizendo, numa das poucas e melhores sínteses até hoje elaboradas sobre a história do Império, escrita em São José do Rio Pardo, e que, a nosso ver, mereceria uma edição avulsa para ter maior individualidade, uma vez que, inclusa numa revista ou num livro de variedades, muitos poderão não ficar sabendo da existência desse estudo. E justamente pelo valor de que ele se reveste é que julgamos oportuno apresentar um "compte rendu" do mesmo.

**À Margem da História** é livro que reúne escritos publicados em diferentes ocasiões, vários deles versando sobre a Amazônia, sobre viação sul-americana, sobre problemas do Prata, intercalando-se entre eles, com o título geral de "Esboço de História Política", o ensaio intitulado **Da Independência à República**, publicado originalmente em "O Estado de S. Paulo", em 1900 e, depois, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 69, parte 2ª, p. 5-71, em 1908. Quanto à primeira edição de **À Margem da História**, data de 1909 (Porto, Editora Lello), tendo saído um mês apenas após a morte do autor.

Pode até parecer estranho a alguns que, numa época de tanta teorização em torno da História, se possa ainda ler e até sugerir a publicação, em separado, de um trabalho como esse, tão singelo, tão desvestido de teorias, que apenas apela para o passado, procurando fazer uma história como realmente ela foi e não como o autor gostaria que ela tivesse sido. E isso nos parece poderá ser interessante a todos, no sentido de verem um passado recente, tendo uma idéia ainda que sumária do que foi esse passado e do que ele representa em relação à nossa situação atual.

Nossa intenção foi dar destaque a um tópico apenas desse interessante estudo, simplesmente com o intuito de que nos apercebamos de como Euclides tratou os temas históricos.

Constatamos, de início, que, ao longo **Da Independência à República**, Euclides acreditava que toda mudança social caminhava no sentido de que na evolução histórica os ideais de justiça, direito, liberdade, reformas igualitárias, sugestões políticas, passavam infalivelmente do simples período de meditação ou de reflexão à prática, e desta maneira todos teriam uma missão a cumprir. No instante em que a organização político-econômica começava a não consorciar-se com as necessidades éticas e intelectuais da sociedade, esta, forçosamente, subdividia-se em dois grupos que travavam guerra recíproca: seria a força da conservação e a tendência à renovação.

Coloca-nos o autor, logo às primeiras páginas, um retrospecto da história brasileira até a Independência, como que para servir de introdução ao seu trabalho. Assim, a problemática da transferência da corte portuguesa, as principais realizações de D. João VI, um apanhado embora um pouco apressado sobre a cultura brasileira do

período, as crises políticas até 1820, a revolução do Porto, tudo é alinhado preparando um quadro amplo para analisar o Brasil independente, onde começa por oferecer as primeiras notícias depois de consumada a Independência, indo desde a Assembléia Constituinte, passando pela análise da Constituição de 1824 e, a partir de então, fazendo a crônica política do Primeiro Reinado, dando aí significativa ênfase à cultura brasileira, citando o que de mais importante foi escrito durante o século XIX, o que não deixa de ser raro, uma vez que, na época, quase ninguém era afeito à reflexão e à crítica, até porque a própria linha historiográfica de então, assentada apenas em fatos, oferecia uma história explicativa, bem dentro dos parâmetros da escola positivista. A formação de Euclides, embora não fugindo dessa linha, deu-lhe, todavia, uma perspectiva bem mais ampla que a de muitos de sua geração, o que acabou, naturalmente, por transformá-lo num escritor de fôlego.

Assim, é vigorosa a sua análise principalmente nas últimas páginas, quando aponta o período das grandes transformações pelas quais atravessara o país, já fora do controle monárquico. Claro que a influência positivista e mais sensivelmente a spenceriana se tornou evidente nesse comentário, onde a visão universalista e prospectiva do homem e de sua história se fazem presentes. Se não vejamos: "As nossas fases sociais tinham-se desdobrado com um ritmo perfeito, onde a dispersão e convergência sucessivas e alternadas dos acontecimentos denunciavam ao mais incurioso espírito o rigorismo inflexível de uma lei natural da vida"

Ademais, não nos podemos esquecer de que Euclides da Cunha foi o primeiro a elaborar uma teoria interpretativa da sociedade brasileira e de sua nacionalização, ou seja a célebre distinção entre um Brasil progressista, das cidades litorâneas, e um Brasil arcaico, do interior do país.

O movimento do campo para a cidade, a independência política do país, as idéias novas de filosofias alienígenas, as sementes e a fermentação do positivismo, do cientificismo de Spencer e Darwin, acrescentara, à inteligência do engenheiro-jornalista colorações diferentes se não opostas às do latifúndio e do coronelismo, fazendo com que as diferenças e oposições sintetizassem-se na idéia de República, que ele muito bem compreendeu, chegando mesmo a afirmar que a República "não poderia ser mais uma surpresa", acrescentando que "a propaganda republicana fizera-se por si mesma",

abrindo perspectiva às reformas intransferíveis. No fundo, entre outras aspirações, almejava Euclides que a República elevasse o caráter nacional brasileiro, que formasse o verdadeiro cidadão, que desse condições dignas de sobrevivência ao povo, enfim, uma sociedade onde proprietários e trabalhadores convivessem em perfeita harmonia. Nesse momento cremos que rompera definitivamente com a ideologia positivista na qual se formara, quando chegou a reconhecer o egoísmo da sociedade capitalista, propondo a socialização dos meios de produção, convicto que estava de que seriam apenas as atividades conscientes dos homens que poderiam acelerar ou retardar a marcha da evolução social.

Nesse crescente amadurecimento foi que conseguiu analisar e compreender a inoperância e a falta de significado dos partidos políticos brasileiros naquela fase transicional, pois, como dizia "existiam pela força da inércia". Nessa mesma linha é que também afirmaria que "a estabilidade da monarquia brasileira fora momentânea, porque ia derivando ao som da correnteza democrática", o que o levou a concluir que "a revolução já estava feita", no sentido de que ela transcendeu aos acontecimentos do dia em que fora proclamada.

E a República fora a sua grande esperança, porque, reconhecendo a importância do progresso material para o Brasil, propugnaria por ele, não apenas conclamando para um melhor conhecimento de nossas regiões culturais, como também para uma organização mais compatível com a realidade brasileira, ao lado de uma justiça soberana e coibidora dos desmandos.

Embora saibamos que na obra euclidiana, cá e lá, haja vestígios de improvisação no que escreveu, temos que admitir que a formação científica de Euclides, o que era singular aos meios literários brasileiros de sua geração, dera-lhe uma base bastante sólida de conhecimentos, notoriamente no campo das chamadas ciências exatas, o que fez com que sua produção avultasse frente a muitas de sua época, apesar de muitas vezes apenas intuir sobre o que narrava.

Por crermos, pois, que não apenas *Da Independência à República*, mas toda *A Margem da História* é um farto material a

ser investigado pelos estudiosos da ciência histórica, numa tentativa de interrelacionar idéias e fatos, influências ideológico-sócio-políticas à historiografia brasileira, e até porque na postura de Euclides da Cunha não é comum ao pensamento da época, a tal ponto que podemos mesmo considerar "naïve", exatamente por deixar entrever uma gama de problemas assaz pertinentes não só para a reflexão social, como também para o caminho ideológico brasileiro e de suas transformações infra-estruturais é que sugerimos um estudo mais aprofundado deste trabalho. Preservar fontes é pois uma tarefa de todos nós, sobretudo hoje, quando a História tenta se libertar de velhas concepções, buscando o estudo, a compreensão do homem na sua dimensão maior, em todas as formas e manifestações, bem assim o entedimento do social em sua totalidade.

(Transcr. do "Boletim da Academia Paulista de História", nº 4, junho de 1990).